



ADOLESCÊNCIA E DEPENDÊNCIA DE DROGAS: ANÁLISE DE UM PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO

Pollyana Cordasco Teixeira* (Psicóloga; Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR). Norma da Luz Ferrarini* (Psicóloga; Doutora em Educação; Pós-Doutora em Psicologia; Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná; Curitiba-PR).

Contato: pollycteixeira@gmail.com*
normadaluzf@gmail.com*

Psicologia da Saúde e Hospitalar

Palavras-chave: Adolescência. Dependência de Drogas. Comunidade Terapêutica. Teoria da Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu de uma inquietação advinda da ação profissional como psicóloga em uma comunidade terapêutica que atende mulheres adolescentes e adultas, para tratamento da dependência de álcool e outras drogas. Em especial, têm-se como foco deste estudo, as adolescentes que realizam o programa de recuperação proposto e desenvolvido pela congregação Copiosa Redenção (CR). Tal congregação possui comunidades terapêuticas, casas de reinserção social e locais para formação de vocacionados. Faz-se presente em sete estados brasileiros e há 28 anos propõe tratamento para dependência de álcool e drogas.

Substâncias psicoativas (SPAs), cada vez mais utilizadas, afetam uma importante característica: a capacidade humana de planejar sua própria vida. Nesta pesquisa, utiliza-se o termo droga como similar ao conceito de substância psicoativa, ou seja, qualquer substância, legal ou ilegal, que quando consumida pelo ser humano provoca alterações no funcionamento cerebral que refletem nos processos de pensamento e comportamento (OMS, 2006). Além disso, o termo dependência de drogas é utilizado ao invés de dependência química, para que não se transmita a ideia ser um processo exclusivamente físico de reação do organismo, tal como discorre Mendonça (2017).

Os dependentes de álcool e outras drogas passam por um processo crescente de padrões de consumo da substância, sendo que, em algum momento foram usuários iniciais, abusivos até se tornarem dependentes. Quando vivida na adolescência, a dependência requer uma atenção ainda mais especial, uma vez que este público apresenta fatores de risco específicos que impulsionam o



envolvimento com drogas. A maior exposição a fatores de risco está atrelada a algumas características deste período: necessidade de aceitação pelo grupo, o desejo de experimentar comportamentos de adultos, sensação de onipotência, grandes mudanças corporais, busca de novas sensações, entre outros aspectos (PECHANESKY et al, 2017).

Compreende-se a adolescência como uma construção histórica e social, tendo características e marcas próprias que são destacadas pela sociedade (OZELLA, 2002). A Psicologia tem priorizado a adolescência como etapa do desenvolvimento ligada ao natural e ao biológico, sem considerar o contexto histórico e social em que cada sujeito se desenvolve. Enfatiza-se o caráter negativo deste período que só é amenizado com o avanço da idade e chegada da maturidade emocional. Os estudos do desenvolvimento estão geralmente atrelados às idades iniciais, baseado em condições emocionais, sem valorizar a construção do pensamento e de conceitos na adolescência (TOMIO, FACCI, 2009).

Na perspectiva Histórico-Cultural, Vygotsky apresenta uma nova proposta para compreender o psiquismo humano. Retoma os preceitos do marxismo e do pensamento dialético para destacar a dimensão histórica do desenvolvimento psicológico. Diferentemente do que se defendia nas teorias da época, Vygotsky apontou que ao reduzir a adolescência a um período de predominância das emoções e impulsos, deixa-se de lado o fato de que neste período as funções psicológicas superiores e os verdadeiros conceitos se formam (VYGOTSKY 1984 *apud* TOMIO e FACCI, 2009).

Frente ao adoecimento do adolescente com o uso de drogas, diversos modelos de tratamento coexistem. Neste estudo, apresenta-se como cenário social de pesquisa, uma comunidade terapêutica. O modelo de tratamento comunidade terapêutica, no Brasil, foi regulamentado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) em 2001. Apresenta-se como possibilidade de tratamento voluntário para dependência de álcool e outras drogas. Parte de uma concepção psicossocial da dependência de drogas e reconhece que o abuso de drogas é um comportamento complexo que não é superado apenas com informações, mas sim com tratamento multiprofissional, sendo, fortalecido pela convivência entre os pares (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA, 101/2001).

Desta forma, ao refletir sobre a dependência de drogas na adolescência e sua possibilidade de tratamento, destaca-se como problema de pesquisa: quais as implicações do tratamento proposto pela Copiosa Redenção para dependência de álcool e outras drogas no processo de subjetivação de meninas adolescentes? Elegeu-se a Psicologia Histórico-Cultural e a Teoria da Subjetividade de Fernando Luis González Rey como arcabouço teórico deste estudo, uma vez que frente a tal processo multifatorial torna-se imprescindível produzir conhecimento a respeito da produção da subjetividade, e tal como defendeu Mendonça (2017), a Teoria da Subjetividade contribui com uma perspectiva diferenciada e inovadora para o estudo da dependência de drogas.



A relação entre sujeito e droga não pode ser compreendida unicamente pelo significado social do seu consumo, mas sim pelos sentidos atribuídos pelo sujeito a este consumo. Mendonça (2017) propôs o conceito de Unidade Substância- Consumo (USC) para relacionar de forma dialética a substância e seu consumo. O autor pontua que esta relação é permeada por aspectos simbólicos e emocionais conforme a produção subjetiva do sujeito. Desta forma, compreende-se a dependência como uma “construção subjetiva marcada por um conjunto de características, relacionadas com os sentidos subjetivos, que fazem com que a unidade substância-consumo assuma a função de mediar a relação entre o sujeito e a própria vida” (MENDONÇA, 2017, p.78).

González Rey (2017) apresenta a subjetividade como um sistema simbólico-emocional, peculiarmente humano, que emerge na cultura. A subjetividade não se reduz à linguagem, ao texto, ao discurso, pois perpassa todas estas esferas devido a emocionalidade que é um processo intrínseco ao processo subjetivo. Sendo assim, a subjetividade expressa através de sentidos subjetivos a objetividade da vida social, sendo o sentido subjetivo uma unidade inseparável entre o processo simbólico e a emoção, sendo que tais unidades definem a articulação entre pensamento e emoção, imaginação e ação (GONZÁLEZ REY, 2005).

Os diversos sentidos subjetivos produzidos pelo sujeito na experiência convergem na produção de configurações subjetivas em torno das quais se organiza um processo de desenvolvimento. Os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas não são estáticos, representam um processo vivo de produção ativa do sujeito, sendo que todo comportamento humano está configurado por sentidos subjetivos, permeados pelos contextos de vida da pessoa (GONZÁLEZ REY, 2017).

As configurações subjetivas são modelos gerais de funcionamento que só podem ser conhecidos na pesquisa e na prática profissional, por meio de informações que são geradas no processo comunicativo. Não aparecem de forma explícita. Para González Rey (2016), cada indivíduo têm múltiplos sentidos subjetivos diferentes, e os mesmos podem surgir em qualquer contexto da história de vida do sujeito. No entanto, o autor esclarece que não é o social que produz no indivíduo determinado sentido subjetivo, mas a forma como este indivíduo produz sentidos em determinado contexto, o que é gerador de novos sentidos, ou seja, resgata a ideia de um sujeito ativo dotado de um psiquismo gerador.

Retoma-se então, frente ao exposto, o objetivo do estudo em compreender as implicações na subjetividade de meninas adolescentes que vivenciam este programa de recuperação proposto pela congregação católica Copiosa Redenção, o que contribui para o avanço da ciência sobre o tema. Tal como apontam Galduróz, Noto, Locateli (2017), embora existam estudos sobre o uso de drogas no Brasil, os dados não são suficientes para avaliações específicas, já que o uso de drogas é algo dinâmico, sofre alterações de um lugar para outro, e mudam conforme a época em que ocorrem. Ao



abordar um tema considerado problema de saúde pública, a dependência de drogas, acredita-se contribuir para que profissionais de saúde reflitam sobre as ferramentas utilizadas no tratamento de adolescentes e produzam conhecimento em busca de práticas de tratamento mais eficazes.

METODOLOGIA

Este estudo apresenta-se como uma pesquisa qualitativa. Desdobra-se a partir dos pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos da Teoria da Subjetividade de Fernando Luis González Rey. Compreende-se o conhecimento científico como produção não linear conforme teoriza a Epistemologia Qualitativa e adotam-se os preceitos da Metodologia construtivo-interpretativa para produção e análise das informações.

A metodologia construtivo-interpretativa compreende a pesquisa como um momento teórico e dialógico, imersa em um sistema de relações, em um espaço configurado subjetivamente em constante movimento. As diversas conversações que se organizam no espaço de pesquisa possibilitam a emergência das subjetividades dos participantes e do pesquisador, favorecendo a produção intelectual de ambos. Nesta metodologia a singularidade não representa unicidade, mas uma informação diferenciada que adquire significado no processo de pesquisa à medida que surge por meio de indicadores, que geram hipóteses explicativas, da questão estudada.

A pesquisa será realizada em uma comunidade terapêutica localizada na cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná. Esta instituição acolhe mulheres, adolescentes e adultas para tratamento da dependência de álcool e outras drogas. Estrutura-se enquanto modelo de tratamento comunidade terapêutica conforme regulamenta a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC ANVISA 101/01), publicada pela Agência de Vigilância Sanitária em maio de 2001.

Esta Comunidade Terapêutica integra o trabalho realizado pela Congregação Católica Copiosa Redenção. Esta congregação foi fundada no dia 08 de dezembro de 1989, pelo Padre Wilton Moraes Lopes, na cidade de Ponta Grossa, e desde sua origem atua no tratamento e acolhimento de pessoas com dependência química. O modelo de tratamento proposto pela Copiosa Redenção fundamenta-se metodologicamente na obra do americano George de Leon - *A Comunidade Terapêutica: Teoria, Modelo e Método*.

O Programa de Recuperação é composto de três momentos, denominados fases. Cada fase possui ferramentas específicas que organizam a vivência da adolescente no programa e atuam como parâmetro de progresso individual frente ao grupo. A tomada de decisão referente ao momento adequado para mudar de fase é realizada em conjunto, ou seja, baseia-se na opinião da própria acolhida, demais integrantes do programa e equipe terapêutica.



A primeira etapa do programa denomina-se Fase de Adaptação, período no qual a acolhida conhece o programa terapêutico, suas regras e metodologia. Deseja-se que neste primeiro momento, o indivíduo estude a dependência de drogas e encontre nos demais acolhidos e na equipe multiprofissional a confiança necessária para reconhecer suas fragilidades e avançar na busca de sua recuperação. A segunda etapa é a Fase de Interiorização, momento no qual os esforços são direcionados para compreensão da história de vida da acolhida, suas relações familiares, e em especial, sua relação com as drogas, fatores de risco e proteção presentes na história do uso de substâncias. A terceira etapa é chamada de Fase de Reinserção Social, que compreende a princípio, visitas aos familiares que se intercalam com períodos na comunidade, até o retorno definitivo para a família e/ou responsáveis pelo acompanhamento daquele momento em diante. Almeja-se o estabelecimento de um novo projeto de vida, agora em sobriedade.

O programa de recuperação é composto por equipe multiprofissional, sendo estes, psicólogos, psiquiatra, clínico geral, assistente social, pedagogo e educadoras. A Comunidade Terapêutica Rosa Mística, conta também com o Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH) de responsabilidade da Secretaria da Educação do Paraná, que presta atendimento educacional aos alunos que estão impossibilitados de frequentar a escola em virtude de situação de internamento hospitalar ou tratamento de saúde. Além das atividades que são comuns a todas as acolhidas, cada fase apresenta grupos específicos que contribuem para os objetivos a serem alcançados naquele momento do programa.

Sendo assim, esta comunidade terapêutica, destaca-se como cenário social de pesquisa neste estudo. González Rey (2005) define cenário de pesquisa como um espaço social aonde a pesquisa vai se desenvolver. Neste local as ideias do pesquisador serão apresentadas e as relações dialógicas entre os participantes acontecem, por isso, o cenário social de pesquisa faz parte desta enquanto espaço relacional.

González Rey (2005) sugere que, se possível, o pesquisador conheça anteriormente seu cenário social de pesquisa, para que o processo de escolha dos participantes contribua para possíveis hipóteses de trabalho e tenham uma função em relação ao objetivo do estudo. Destaca-se que uma das pesquisadoras atua como psicóloga nesta comunidade terapêutica. Este fato favorece o processo criativo da pesquisa, em especial, a formação do cenário de pesquisa e o vínculo com os participantes.

A Teoria da Subjetividade compreende que o interesse e envolvimento do participante, no caso, sujeito da pesquisa, é muito importante no processo de construção da informação. Esta pesquisa terá como sujeitos da pesquisa (participantes), três meninas adolescentes que realizam o Programa de Recuperação proposto pela Copiosa Redenção, especificamente, na unidade de Ponta Grossa/PR.



Para que o programa seja analisado como um todo, desejamos que cada uma das participantes esteja vivenciando uma fase do programa diferente, ou seja, Adaptação, Interiorização e Reinserção Social. Como se tratam de participantes menores de 18 anos de idade, seus pais e/ou responsáveis legais receberão o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e as adolescentes receberão o termo de assentimento livre e esclarecido (TALE). Todos os documentos serão submetidos à análise do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (CEP/SD) do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Para González Rey (2017) a pesquisa não se limita aos instrumentos, porém estes se tornam dialógicos ao propiciarem uma abertura a indagações e reflexões na relação entre pesquisador e participante. A dinâmica estabelecida é conversacional, baseada no diálogo, que favorece o amadurecimento das expressões subjetivas advindas das experiências de vida, que aparecem ao longo do curso da pesquisa. O autor define instrumento como “toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza as pesquisa” (2005, p. 42), sendo uma via interativa e não objetiva na geração de resultados.

Esta pesquisa acontecerá em duas etapas, totalizando dois encontros com cada adolescente. Antes destes encontros, será realizada uma reunião com todos os participantes para apresentar a pesquisa, sua metodologia e procedimentos. Este momento servirá para sanar eventuais dúvidas e também para a entrega do TCLE e TALE a ser preenchido. A primeira etapa vai envolver um encontro da pesquisadora com cada uma das três participantes, individualmente. Neste encontro, o instrumento utilizado será o complemento de frases, que se constitui como um instrumento escrito que facilita a expressão do sujeito. O complemento de frases apresenta indutores curtos a serem preenchidos pelo participante. Estes irão se referir as atividades e experiências das adolescentes ao vivenciarem as ferramentas do programa de recuperação. González Rey explica que “as frases que formam o instrumento não definem seu valor pelo seu conteúdo explícito, pois, mediante cada frase, cada sujeito pode expressar, com independência, sentidos subjetivos muito diferentes daqueles que tais frases explicitamente sugerem” (2005, p. 58).

Após estas sessões, antes da realização da segunda etapa, as pesquisadoras farão uma análise das informações produzidas no primeiro encontro, para que eventuais dúvidas sejam esclarecidas no momento seguinte. No segundo momento, as sessões também serão individuais, entre pesquisadora e participante, porém nesta etapa utilizaremos a entrevista conversacional como instrumento de produção de dados. A entrevista envolverá questões norteadoras que servirão como indutores do diálogo e que despertem no outro o desejo de ser ouvido. González Rey (2017) destaca que os sentidos, e não os dados, produzidos pelo pesquisador é o aspecto essencial deste tipo de pesquisa, e que, o dialógico não se limita ao uso de um procedimento ou instrumento. Por este motivo, optou-



se por utilizar o complemento de frases no primeiro encontro, para que no tempo entre sessões, informações sejam produzidas e se, necessário, retomadas na entrevista. Desta forma, os instrumentos serão estudados numa continuidade, integrando o mesmo processo. Sobre os instrumentos, o autor explica que “a sequência no emprego dos instrumentos é progressiva e depende das hipóteses que vão se formulando na construção do modelo teórico” (2017, p.95).

As sessões entre pesquisadora e participante serão realizadas na sala de atendimento da comunidade terapêutica. Entre a primeira e segunda etapa, haverá um espaço de sete dias para que as informações sejam analisadas. Devido à rotina de grupos na instituição e atividades escolares das adolescentes, os encontros serão realizados aos sábados.

Conforme a proposta de González Rey (2005; 2017), a construção da informação não ocorre em um único momento, mas sim ao longo do processo de pesquisa. Após os encontros com os participantes, o material será transcrito, os indicadores produzidos e interpretados serão organizados em categorias que expressem os sentidos subjetivos das adolescentes em participar deste programa de recuperação.

Os indicadores são construções teóricas que dão inteligibilidade à informação, sendo que “aparecem como sequência de elementos que convergem entre si pelo significado, em que a definição de um representa um momento importante na emergência dos outros no processo de desenvolvimento das hipóteses que irão integrar o modelo teórico no curso da pesquisa” (GONZÁLEZ REY, 2017 p. 34). Na construção da informação, torna-se possível formar categorias de sentidos subjetivos que permitam uma representação da realidade estudada (GONZÁLEZ REY, 2005).

Diante destas categorias, realizar-se-á uma discussão sobre as implicações subjetivas das adolescentes a partir de suas experiências no programa de recuperação proposto pela Copiosa Redenção.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que esta pesquisa contribua para construção e aprimoramento de modelos teóricos utilizados no tratamento de adolescentes que sofrem com o uso abusivo ou dependente de álcool e outras drogas.

Ao pesquisar as implicações subjetivas em meninas que realizam um programa de recuperação a partir de vivências individuais e grupais específicas, acreditamos gerar conhecimento que agregue significado às práticas realizadas com adolescentes, independente do modelo de tratamento adotado.

Os resultados alcançados neste estudo serão divulgados aos participantes e instituição, no caso, a comunidade terapêutica, local de realização da pesquisa. Desta forma, espera-se também que o conhecimento produzido possa contribuir para o desenvolvimento das práticas que integram o programa de recuperação proposto pela Copiosa Redenção.



REFERÊNCIAS

- Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2001). *Resolução RDC Anvisa nº 101, de 30 de maio de 2001*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Galduroz, J. C. F., Noto, A. R., & Locatelli, D. P. (2017). Epidemiologia do uso de substâncias psicoativas no Brasil: peculiaridades regionais e populações específicas. In: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *O uso de substâncias psicoativas no Brasil*. Brasília: MJC.
- González Rey, F. (2016). *O desenvolvimento da subjetividade: desafios atuais*. Palestra proferida em 22/09/2016 em vídeo. Recuperado em 15 agosto de 2017, de <http://fernandogonzalezrey.com/index.php/2015-09-04-17-51-26/palestras-video-teoria-da-subjetividade-menu>
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. (M. A. F. Silva, Trad.). São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- González Rey, F., & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea.
- Mendonça, N. P. de. (2017). *Dependência de "drogas": uma construção subjetiva?* Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Organização Mundial de Saúde (2006). *Neurociência do uso e da dependência de substâncias psicoativas*. (F. Corregiari, Trad.). São Paulo: Roca.
- Ozella, S. (2002). Adolescência: uma perspectiva crítica. In M. L. J. Contini, S. H. Koller, & M. N. S. Barros. *Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- Pechansky, F., Diemen, L. von, Micheli, D. De, & Amaral, M. B. do. (2017). Fatores de risco e proteção em diferentes grupos de usuários: adolescentes, idosos, mulheres e indígenas. In: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *O uso de substâncias psicoativas no Brasil* (12a ed.). Brasília: MJC.
- Tomio, N. A. O.; Facci, M. G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Teoria e Prática da Educação* (Maringá), 12(1), 89-99.